

**CENTRO PAULA SOUZA
ETEC DE CARAPICUIBA
M-TEC ADMINISTRAÇÃO, 3º ANO**

**FELIPE GOMES DE OLIVEIRA
IGOR MASSONE MONTEIRO
KAWÃ FERNANDES DA SILVA MOREIRA
KAYNÃ MARQUES DA SILVA
PEDRO HENRIQUE ALMEIDA DA SILVA**

**RESENHA SOBRE O ARTIGO: “CRESCIMENTO, DISTRIBUIÇÃO, PROGRESSO
TÉCNICO E AS FASES DO CAPITALISMO”**

**CARAPICUÍBA
2025**

Felipe Gomes de Oliveira
Igor Massone Monteiro
Kawã Fernandes da Silva Moreira
Kaynã Marques da Silva
Pedro Henrique Almeida da Silva

**RESENHA SOBRE O ARTIGO: “CRESCIMENTO, DISTRIBUIÇÃO,
PROGRESSO TÉCNICO E AS FASES DO CAPITALISMO”**

Este trabalho foi realizado no componente
de Estudos da Economia, Mercado e de
Comércio Internacional.

Orientador: Prof. Luiz Carlos dos Santos.

CARAPICUÍBA

2025

Introdução

No artigo “Crescimento, distribuição, progresso técnico e as fases do capitalismo”, Luiz Carlos Bresser-Pereira argumenta que o crescimento econômico ocorrente é dependente da maneira que ocorre a distribuição de renda, com base nas teorias de economistas clássicos (Smith, Ricardo e Marx), porém com foco maior na teoria sobre o capitalismo proposta por Marx, abordando os conceitos clássicos de valor, trabalho e capital, além do valor-trabalho.

A principal tese de Bresser-Pereira diz que o crescimento econômico é dependente da distribuição de renda, e para explicá-la, ele começa propondo – na contramão da teoria econômica capitalista neoclássica e da opinião de muitos economistas modernos – que as taxas de lucro devem ser constantes [mas variam entre a fase em que são situadas], e os salários, uma variável (o inverso da teoria clássica, que propõe que, resumidamente, os patrões mantêm o valor do salário nominal dos funcionários igual com o tempo, ou o aumenta conforme a necessidade, evitando cortes nele, independentemente da inflação, por questões de produtividade interna, ou pode demitir empregados para reduzir gastos, assim causando desemprego).

Ele continua argumentando que há diferentes modos em que pode ocorrer progresso técnico (poupador de capital, neutro e dispendioso de capital), e as variáveis (a produtividade do trabalho, o tipo de progresso técnico, a taxa de salário e a taxa de lucro) podem mudar ao longo do tempo, contemplando a divisão de 5 fases do capitalismo (Revolução Industrial, Capitalismo Competitivo, Capitalismo Oligopolista, Fordismo e os Capitalismo Financeiro-Rentista) para explicar sua variação ao longo do tempo.

Trechos comentados:

- "O artigo inverte o modelo clássico de distribuição, tratando a taxa de lucro como a variável constante no longo prazo e a taxa de salário como o resíduo."

Explicação: O autor propõe uma releitura da teoria clássica da distribuição: em vez de considerar o salário como fixo e o lucro variável, defende que a taxa de lucro se mantém estável no longo prazo, enquanto os salários se ajustam como resultado.

- "Distingue três tipos de progresso técnico (poupador de capital, neutro e dispendioso de capital) e o aplica à história do capitalismo, [...] distinguindo cinco fases de crescimento capitalista."

Explicação: O artigo identifica três formas de progresso técnico e as relaciona a cinco fases históricas do capitalismo: Revolução Industrial, Capitalismo Competitivo, Capitalismo Oligopolista, Fordismo e Capitalismo Financeiro-Rentista.

- "Na fase final, correspondente ao Capitalismo Financeiro-Rentista e neoliberal, os salários foram mantidos estagnados, crescendo menos que a produtividade, enquanto a taxa de lucro recuperou-se da queda ocorrida nos anos 1970."

Explicação: Na fase neoliberal do capitalismo, a produtividade aumentou, mas os salários ficaram estagnados. Isso levou à concentração de renda e ao fortalecimento dos lucros.

- "O modelo que apresentarei é clássico e, mais especificamente, marxista [...] Não é um modelo keynesiano [...] O modelo não é neoclássico por muitos motivos que podem ser resumidos em um só: porque rejeito o método hipotético dedutivo."

Explicação: O autor se apoia no pensamento marxista e rejeita os modelos neoclássicos e keynesianos, argumentando que apenas a análise histórica e estrutural explica as mudanças do capitalismo.

- "Embora altamente instáveis e marcados por crises financeiras recorrentes, o progresso técnico e o crescimento se têm sustentado desde a revolução capitalista e industrial, ao passo que a distribuição de renda não foi tão instável."

Explicação: Apesar das crises econômicas, o crescimento capitalista se manteve. O lucro sempre se ajustou para garantir rentabilidade, mas os salários oscilaram, podendo crescer acima ou abaixo da produtividade, o que gerou períodos de maior ou menor desigualdade.

- "Surgimento da classe profissional liberal, ou tecnoburocrática, que substituiu os empresários na gestão da correspondência, e do rentista, que os substituiu em sua propriedade.

Explicação: O autor destaca a mudança nas classes dominantes do capitalismo: empresários foram substituídos por tecnoburocratas (na gestão) e rentistas (na propriedade).

Distribuição de Renda

- O texto apresenta um modelo de economia fechada com dois agentes (capitalistas e trabalhadores) e uma única mercadoria. Os principais indicadores são o estoque de capital (ou insumo) K a renda Y que é gasta entre consumo C e investimento I ; lucros R e salários W definem a distribuição de renda ($R/W = m$) e a taxa de lucro ($R/K = r$).
- Crescimento econômico é dado pela elevação da produtividade (PIB) e da renda per capita, supondo de que o crescimento da força de trabalho está na mesma taxa da população. A produtividade por trabalhador y e o crescimento da renda per capita n devem ser considerados, junto com as variações de salários w .

- O modelo não depende de uma economia capitalista específica, servindo de referência para economias desenvolvidas. A taxa de lucro de longo prazo é tomada como constante, exceto em fases históricas específicas (fase competitiva), quando cai temporariamente. A constância da taxa de lucro é justificada por: sobrevivência do sistema capitalista, necessidade de demanda agregada estável, e contracorrentes ao declínio da taxa de lucro (progresso técnico, monopólio, instituições).
- O salário real tende a aumentar com o custo de reprodução da força de trabalho; quando atinge uma “bottom line” ou “Pico” de lucro satisfatório, pode ocorrer o declínio dos lucros e crises, que só são superadas por políticas que restauram a taxa de lucro ou por expansão da demanda sem elevar salários.
- Duas estratégias de saída de crises: (1) ajuste salarial para restaurar lucro; (2) abordagem keynesiana de estímulos macroeconômicos, eficaz apenas com desemprego e demanda insuficiente, revertidos após a recuperação.
- Progresso técnico é definido pela produtividade do trabalho R e pode impactar a produtividade do capital K (Y/K). Existem três tipos:
 - Progresso técnico dispendioso de capital (mecanização): Y/K decresce; o PIB aumenta mais lentamente que o estoque de capital.
 - Progresso técnico neutro: Y/K permanece constante; renda cresce na mesma taxa do capital.
 - Progresso técnico poupador de capital: Y/K aumenta; retornos crescentes com o tempo (economias de capital via modernização).
- Diferencia-se entre mecanização (novas máquinas substituindo trabalho existente) e modernização (substituição de máquinas antigas por modelos

novos, mantendo o tipo de operação), sendo o primeiro dispendioso de capital e o segundo poupador de capital.

- Resumidamente, o texto discute por que uma taxa de lucro estável é essencial para o funcionamento do sistema capitalista, como ela é mantida frente às tendências de queda, e como o progresso técnico pode articular diferentes regimes de produtividade do capital.

- **Impactos na Prática**

- Relações entre progresso técnico, taxa de lucro, taxa de salário e distribuição da renda seguem uma identidade-chave: $R/K = (R/Y) / (K/Y)$.
- Se a distribuição funcional for constante (R/Y constante), o tipo de progresso técnico determina a evolução da taxa de lucro:
 - Progresso dispendioso de capital ($Y/K \downarrow$): $R/K \downarrow$ (lucro cai)
 - Progresso neutro ($Y/K \rightarrow$): $R/K \rightarrow$ (lucro estável)
 - Progresso poupador de capital ($Y/K \uparrow$): $R/K \uparrow$ (lucro aumenta)

- **Taxa de salário e distribuição**

- Se o progresso técnico é dispendioso de capital, a distribuição tende a se concentrar ($R/W \uparrow$). Aumento da desigualdade salarial
- Se é neutro, a distribuição permanece estável ($R/W \rightarrow$). Depende da produtividade
- Se é poupador de capital, salários totais sobem menos que a renda ($R/W \downarrow$). Diminuição da desigualdade salarial

- **Taxa de salário, salário real e substâncias**

- Considerando população constante, a variação de W depende de W/Y , Y/K e R/Y .

- Em progresso neutro ou poupador de capital, salários totais tendem a aumentar.
 - Em progresso dispendioso de capital, o movimento de salários é ambíguo e depende de R/Y.
- **Desempenho histórico (fases)**
 - Revolução Industrial (1750-1800): progresso dispendioso de capital; salário cresce pouco; desigualdade cresce.
 - Capitalismo Competitivo / Marxista (1815-1873): progresso dispendioso; salário constante; lucro declina; desigualdade alta.
 - Capitalismo Oligopolista (1890-1929): progresso neutro; salário cresce com estável. a produtividade; lucro
 - Fordismo (1946-1973): progresso poupador de capital; salários sobem mais rápido que a produtividade; desigualdade diminui.
 - Capitalismo Financeiro-Rentista (1979-2008): progresso dispendioso; salários sobem, mas menos que a produtividade; desigualdade aumenta.
 - **Desse modo, pode-se concluir que:**
 - A taxa de lucro tende a se manter em nível “satisfatório” no longo prazo, sustentando o investimento, enquanto o salário real acompanha a produtividade conforme o tipo de progresso técnico.
 - A relação entre progresso técnico e distribuição da renda é crucial para entender períodos de crescimento, crises e desigualdade.

Progresso Técnico

O artigo "Crescimento, distribuição, progresso técnico e as fases do capitalismo", de Luiz Carlos Bresser-Pereira, analisa a relação entre progresso técnico, distribuição de renda e as fases históricas do capitalismo. Focarei na seção dedicada ao progresso técnico, onde o autor classifica três tipos de progresso técnico e discute seus impactos na produtividade, taxa de lucro e salários.

Bresser-Pereira define progresso técnico como o aumento da produtividade do trabalho, que pode ocorrer de três formas, dependendo do comportamento da produtividade do capital:

1. **Dispendioso de capital:** A produtividade do capital diminui, caracterizando a "mecanização". Isso ocorre quando novas máquinas substituem trabalho, mas com eficiência decrescente. Exemplo: substituição de trabalho manual por tratores e colheitadeiras na agricultura.
2. **Neutro:** A produtividade do capital permanece constante, equilibrando mecanização e modernização.
3. **Poupador de capital:** A produtividade do capital aumenta, como na substituição de máquinas antigas por modelos mais baratos ou eficientes.

O autor critica o Teorema de Okishio, que afirma ser irracional adotar técnicas que reduzam a taxa de lucro. Ele argumenta que, em uma curva decrescente de oportunidades de investimento, empresas racionalmente escolhem técnicas dispendiosas de capital para reduzir custos, mesmo que isso diminua a produtividade agregada do capital.

As relações entre progresso técnico, taxa de lucro e salários são resumidas na Tabela 1:

- **Dispendioso de capital:** Salários podem cair ou crescer menos que a produtividade, concentrando renda.
- **Neutro:** Salários crescem com a produtividade, mantendo a distribuição.
- **Poupador de capital:** Salários superam a produtividade, reduzindo desigualdade.

Tabela 1: Consequências do progresso técnico para a taxa de salário e a distribuição, dada uma taxa de lucro constante.

	Se o progresso técnico for	...a taxa de salário será...	... e a distribuição será:
Dispendioso de capital	$Y/K \downarrow$	$W/L ?$	$R/W \uparrow$
Neutro	$Y/K \rightarrow$	$W/L \uparrow$	$R/W \rightarrow$
Poupador de capital	$Y/K \uparrow$	$W/L \uparrow$	$R/W \downarrow$

Texto de Opinião

A análise de Bresser-Pereira é robusta ao vincular progresso técnico às dinâmicas históricas do capitalismo. Sua crítica ao Teorema de Okishio é particularmente relevante, pois demonstra que decisões microeconômicas racionais podem ter efeitos macroeconômicos adversos. No entanto, a classificação dos tipos de progresso técnico poderia ser enriquecida com exemplos contemporâneos, como a automação digital, para ilustrar melhor as transformações recentes.

Desse modo, podemos ver que o texto oferece uma estrutura clara para entender como o progresso técnico molda a distribuição de renda e as fases do capitalismo. Ao inverter a premissa clássica (taxa de lucro constante no longo prazo), o autor destaca a flexibilidade dos salários como variável residual, dependente do tipo de progresso técnico predominante. Essa abordagem é essencial para análises históricas e debates sobre desigualdade.

Fases do Capitalismo

O autor analisa as fases do desenvolvimento capitalista, começando pela Revolução Industrial, usando a Inglaterra como referência. Ele considera três variáveis principais: progresso técnico, taxa de lucro e taxa de salário, e resume o capitalismo em cinco fases, cada uma seguida por uma crise. Em cada fase, avalia quatro indicadores: produtividade do capital, taxa de lucro, taxa de salário e

distribuição entre lucros e salários. A conclusão central é que, na maior parte da história, os salários cresceram menos que a produtividade, aumentando a desigualdade, com exceção do período fordista, quando ela caiu.

Tabela 2: Fases do desenvolvimento capitalista e três variáveis-chave

Fases	Anos	Progresso técnico	Taxa de lucro	Taxa de salário	Desigualdade
Revolução Industrial Crise (1800-1815)	1750-1800	-	Constante (elevada)	Declinante	Crescente
Capitalismo Competitivo, ou Fase Marxista Crise (1873-1890)	1815-1873	Dispendioso de capital	Declinante	Constante	Constante
Capitalismo Oligopolista Crise (1929-1945)	1890-1929	Neutro	Constante	Crescente com a produtividade	Constante
Fordismo Crise (1973-1978)	1946-1973	Poupador de capital	Constante	Crescente em maior grau que a produtividade	Declinante
Capitalismo Financeiro-Rentista Crise (2008-....)	1979-2008	Dispendioso de capital	Constante	Inferior à produtividade	Crescente

A tabela do texto mostra: na Revolução Industrial, lucro alto e salários em queda; no Capitalismo Competitivo, lucro caindo e salários estáveis; no Capitalismo Oligopolista, lucros estáveis e salários crescendo junto à produtividade; no Fordismo, salários aumentando mais que a produtividade; e no Capitalismo Financeiro-Rentista, lucros estáveis, mas salários crescendo menos, aumentando a desigualdade novamente.

O padrão histórico indica que, quando os ganhos de produtividade não são distribuídos de forma equilibrada, a desigualdade cresce. Isso também ocorre hoje, com tecnologia e automação aumentando a eficiência sem beneficiar proporcionalmente os salários. O exemplo do Fordismo mostra que políticas públicas e acordos coletivos podem mudar esse cenário, provando que a desigualdade não é inevitável, mas resultado de escolhas econômicas e políticas.

A Revolução Industrial (1750–1800), consolidada na Inglaterra, foi marcada por alta e constante taxa de lucro, progresso técnico voltado ao capital e queda da produtividade do capital. Os salários caíram e houve aumento da proletarização e do empobrecimento relativo.

No Capitalismo Competitivo (1815–1873), predominavam pequenas e médias empresas, com progresso técnico ainda dispendioso de capital, queda da taxa de lucro e salários constantes próximos ao nível de subsistência. Essa fase terminou com a depressão de 1873–1890.

A Fase Oligopolista (1890–1929), ligada à Segunda Revolução Industrial, trouxe produção em massa, eletricidade e a consolidação de grandes empresas. Os trabalhadores, agora organizados em sindicatos, conquistaram aumentos salariais proporcionais à produtividade. Apesar disso, países em desenvolvimento que exportavam produtos primários não acompanharam esse avanço, sofrendo deterioração nos termos de troca. Nesse período, o progresso técnico foi considerado neutro: não reduziu a taxa de lucro, pois a produtividade cresceu em sintonia com os salários. Esse foi o momento clássico do capitalismo, encerrado em 1929 com o crash financeiro nos Estados Unidos e a Grande Depressão.

Fordismo (1946-1973)

O Fordismo, ou Anos de Ouro do Capitalismo, começou com as reformas de Roosevelt, que romperam com o liberalismo econômico. Nesse período, a produtividade cresceu, os salários aumentaram junto e até acima da produtividade, a taxa de lucro se manteve estável e a desigualdade caiu. Foi a fase de hegemonia dos Estados Unidos e de reconstrução da Europa com o Estado de Bem-Estar Social.

Mas, a partir de 1965, os lucros começaram a cair, pois o poder dos sindicatos cresceu e os salários subiram mais que a produtividade. Depois, o choque do petróleo em 1973 e a inflação acabaram com as altas taxas de crescimento. Entre 1966 e 1978, na transição para o Capitalismo Financeiro-Rentista, a produtividade do capital caiu e a taxa de lucro despencou, confirmando o fim dos Anos Dourados.

Capitalismo Rentista-Financeiro (1979–2008)

Esse período ficou marcado pelo neoliberalismo, com privatizações, abertura econômica e flexibilização do trabalho. O objetivo foi recuperar os lucros, mas isso aconteceu reduzindo salários e serviços sociais, e não pelo aumento da produtividade.

O resultado foi a consolidação do poder do 1% mais rico, formado por rentistas, financistas e executivos. Além disso, a globalização, os altos salários dos executivos e a queda do Muro de Berlim fortaleceram esse modelo.

Em resumo, foi uma fase de lucros altos para o capital, mas de perda de direitos para os trabalhadores.

Capitalismo tecnoburocrático financeiro-rentista

O texto mostra como o capitalismo mudou ao longo do tempo. No fim do século XIX, surge o capitalismo tecnoburocrático, com técnicos e profissionais assumindo o controle das grandes empresas. Depois da Segunda Guerra, o sistema se transforma em financeiro-rentista, em que rentistas, banqueiros e altos executivos concentram riqueza e poder.

O autor defende que esse modelo aprofunda a desigualdade, já que apenas uma pequena elite se beneficia, enquanto salários da maioria estagnam. Ele usa Marx, Piketty e outros para explicar esse processo, mostrando que a financeirização e os bônus da tecnoburocracia ampliaram a desigualdade, sobretudo nos EUA.

Por fim, argumenta que o crescimento depende do progresso técnico e da produtividade, mas os governos têm pouca influência nisso, o que dificulta o desenvolvimento de países emergentes.

Conclusão

Com base em todas as informações aqui apresentadas, o autor considera seu modelo uma revisão do modelo clássico econômico (porém com a variação dos salários sendo variáveis, mediante produtividade, e a taxa de lucro usada como constante, apenas variando entre ciclos econômicos), que promete ser simples e generalista, abrangendo a realidade da economia – exceto por momentos de

crise –, considerando-a fechada, competitiva, e entendendo a existência de dois agentes econômicos, os capitalistas (recebem lucro) e os trabalhadores (recebem salário).

Seu modelo também explica 3 modos em que pode haver o progresso técnico pode ocorrer, explicando o crescimento econômico em diferentes períodos. O modelo abrange a teoria de Marx (tendência declinante da taxa de lucro) dentro do progresso técnico de modo dispendioso de capital dominante. Dentro de seu modelo neutro, a taxa de lucro se manterá constante, enquanto a taxa de salário aumentará de acordo com o crescimento da produtividade do trabalho, já em seu modelo poupador de capital, a taxa de salário poderá aumentar mais do que a taxa de produtividade, enquanto a taxa de lucro se manterá constante.

Para que o progresso técnico ocorra, a taxa de lucro deve-se manter a nível *satisfying* (satisfatório), isto é, que permite os capitalistas receberem lucro, e os trabalhadores receberem o salário. Quando se altera (reduz) consideravelmente a taxa de lucro, muda-se o período ajustando com a nova taxa. Se a taxa de lucro é mantida satisfatória no longo prazo, a distribuição e os salários ajustam-se conforme o tipo de progresso técnico prevalecente ($Y/K \downarrow, \rightarrow, \uparrow$). Essa chave explica por que a desigualdade caiu no fordismo e subiu na era financeiro-rentista, bem como por que a estabilidade do lucro pode coexistir com trajetórias salariais muito distintas.

O autor menciona que durante a época de 1870 a 1970, o salário aumentava proporcionalmente à produtividade dos funcionários, enquanto hoje se mantém, enriquecendo os patrões e os “1% mais ricos do mundo”, concluindo o texto dizendo: “O capitalismo não fracassou no tempo de Marx, mas está fracassando no nosso”, mostrando a infeliz realidade da desigualdade social dos dias atuais, causada pela ganância dos mais ricos e donos de empresas, que lucram por cima de seus funcionários e os mantêm pobres (não aumentando os salários devidamente de acordo com sua produtividade real), mesmo que eles – e suas empresas – cresçam a altas taxas de lucro.

Referências

Bresser-Pereira, L. C. (2014). **Crescimento, distribuição, progresso técnico e as fases do capitalismo**. Artigo apresentado à conferência da Research Network Macroeconomics and Macroeconomic Policies. Disponível em: <<https://www.bresserpereira.org.br/419-crescimento-distribuicao-progressotecnico-fases-capitalismo.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto de 2025.